

Competitividade, crescimento e câmbio

JOSÉ MÁRCIO CAMARGO e HENRY STIPP

O tema: desvalorização cambial tem despertado intensos e acalorados debates entre os estudiosos da economia brasileira. O assunto é particularmente polêmico porque uma grande parte do sucesso do programa de estabilização depende da política cambial. Por outro lado, as perspectivas de crescimento futuro estão diretamente relacionadas à capacidade da economia de afrouxar a restrição externa decorrente dos elevados déficits em conta corrente. Portanto, a taxa de câmbio real se torna uma variável fundamental na definição do potencial de crescimento do país.

Mudanças na taxa de câmbio real são importantes, entre outras coisas, porque elas afetam a evolução dos custos internos de produção, avaliados na moeda que o país utiliza para fazer suas transações com o exterior, seja o dólar, ou uma cesta de moedas internacionais. E variações dos custos de produção internos são um sinal inequívoco de que as empresas estão perdendo (se os custos estão crescendo) ou ganhando (se estes estão caindo) competitividade relativa no comércio internacional. E perdas substanciais e cumulativas de competitividade acabam por desencadear um processo de desequilíbrio externo grave no futuro.

Um aumento dos custos internos diminui a rentabilidade das empresas e, se persiste por muito tempo, pode levá-las à falência. Por outro lado, uma redução da rentabilidade reduz a capacidade de investimento das empresas e, portanto, os futuros ganhos de produtividade, reforçando a perda de competitividade.

Um importante indicador que reflete de forma aproximada o que está ocorrendo com os custos internos de produção é o Custo Unitário do Trabalho, avaliado na moeda (ou cesta de moedas) em que as transações externas do país se realizam. Este indicador reflete quanto uma empresa está gastando com o fator trabalho, para produzir uma unidade de seu produto.

Como o trabalho é o único insumo produtivo que entra na composição de todos os bens na economia, seu custo tem uma relação importante com o custo dos outros insumos produzidos no país.

Na composição do Custo Unitário do Trabalho, avaliado em moeda externa, entram os salários pagos pelas empresas, a produtividade do trabalho e a taxa de câmbio nominal. Ele é o resultado da divisão do salário nominal pela produtividade do trabalho e pela taxa de câmbio nominal. Este indicador de custos pode ser decomposto em três componentes: a variação dos salários reais menos a variação da produtividade, mais a variação da relação entre os preços ao consumidor e os preços por atacado, mais a variação da relação entre os preços por atacado e a taxa de câmbio nominal.

Destes três componentes, a variação dos salários reais quanto à variação dos preços relativos (não comerciáveis x comerciáveis) estão diretamente associados à taxa de crescimento da economia e a mecanismos de indexação, enquanto a variação da relação entre IPA-indústria e taxa de câmbio está associada à política cambial. Desta forma, ela nos permite ava-

liar quanto do aumento (queda) do Custo Unitário do Trabalho, em dólares, está associado a um crescimento da economia acima (abaixo) do sustentado pela política cambial.

A tabela abaixo mostra a evolução do Custo Unitário do Trabalho na indústria brasileira, em dólares, e de seus componentes, entre julho de 1994 e fevereiro de 1996. Alguns aspectos se destacam da tabela. Primeiro, este custo cresceu 46% no período analisado. Ou seja, para produzir uma unidade de produto em fevereiro de 1996, o custo do trabalho para a indústria brasileira foi 46% maior, em dólares, do que em julho de 1994. Isto reflete perda substancial de rentabilidade e/ou de competitividade do setor industrial brasileiro no período.

Um segundo ponto importante é que na divisão entre seus componentes as variações de preços relativos são responsáveis por 41% do aumento observado, os ganhos de salários reais acima dos ganhos de produtividade por 37% e a variação dos preços por atacado em relação à taxa de câmbio 22% deste aumento. Portanto, do aumento do Custo Unitário do Trabalho na indústria brasileira, cerca de 80% estão associados a um

crescimento da economia acima do sustentável pela política cambial vigente e/ou a fatores relacionados à indexação dos salários e dos preços dos bens não comerciáveis.

Terceiro, apenas no período maio de 1995/outubro de 1995 houve queda no Custo Unitário do Trabalho. Foi o resultado da menor variação dos salários reais, em relação aos ganhos de produtividade e de uma redução da diferença entre a taxa de crescimento dos preços dos bens não comerciáveis em relação aos preços dos bens comerciáveis. Este é exatamente o período de redução do nível de atividade que se seguiu à crise mexicana do final de 1994. A retomada do crescimento no final de 1995 e início de 1996 reverteu este comportamento, fazendo com que o Custo Unitário do Trabalho voltasse a crescer a partir de outubro de 1995.

Estes dados mostram que, dada a política cambial vigente, a taxa de crescimento do produto sustentável do ponto de vista do equilíbrio externo é certamente menor do que a que o país teve nos últimos dois anos, e menor do que a que está ocorrendo no momento. A médio e longo prazos, na medida que o aumento dos custos internos se acumulam, o desequilíbrio externo se torna insustentável.

Por outro lado, como os salários reais estão crescendo acima dos ganhos de produtividade e os preços dos bens não comerciáveis quase quatro vezes mais que os preços dos comerciáveis, uma desvalorização nominal da taxa de câmbio poderá ter forte efeito inflacionário. Neste sentido, uma redução do nível de atividade é uma pré-condição essencial para que uma desvalorização nominal da moeda leve a uma redução do Custo Unitário do Trabalho, em dólares, a um aumento da competitividade e ao afrouxamento da restrição externa ao crescimento. Caso contrário, o principal resultado da desvalorização poderá ser um aumento da taxa de inflação.

JOSÉ MÁRCIO CAMARGO e HENRY STIPP são economistas.

A taxa de câmbio real se torna uma variável fundamental

CUSTO UNITÁRIO DO TRABALHO NA INDÚSTRIA*

Período	Salário real — Produt.	Preços relativos	IPA/e	Custo unitário do trabalho
jul/94-dez/94	-0,03	8,70	13,45	22,12
dez/94-mai/95	12,14	2,86	-0,75	14,26
mai/95-out/95	-8,56	2,38	-0,64	-6,81
out/95-fev/96	10,23	3,84	-1,36	12,72
jul/94-fev/96	17,15	18,87	10,37	46,36
Contribuição para ACUT	37%	41%	22%	100%

FONTE: PIM-IBGE

* De junho/1994 a fevereiro/1996 (em dólares)